



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA BEATRIZ SOUZA BRITO
MAYNARA FERREIRA DA SILVA

USO DE ANTICONCEPCIONAIS EM MULHERES ENTRE 18 a 40 ANOS E SUA
RELAÇÃO AO COM RISCO DE TROMBOSE

BRASÍLIA

2021

ANA BEATRIZ SOUZA BRITO
MAYNARA FERREIRA DA SILVA

**USO DE ANTICONCEPCIONAIS EM MULHERES ENTRE 18 a 40 ANOS E SUA
RELAÇÃO AO COM RISCO DE TROMBOSE**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof. Dr. Danilo Avelar Sampaio Ferreira.

BRASÍLIA

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos enfermeiros e profissionais de enfermagem que trabalham arduamente em prol do bem-estar social e do desenvolvimento científico, buscando o aperfeiçoamento nas técnicas e condutas adequadas para o atendimento da população feminina.

RESUMO

No decorrer dos anos, as mulheres passaram a ter maior notoriedade na sociedade política, econômica e social. Com o advento do desenvolvimento da farmacologia, a população feminina ganhou autonomia sobre sua escolha reprodutiva. Com o avanço da sociedade moderna, a Farmacologia se aprimorou, ao ponto de criar o primeiro anticoncepcional, fármaco este que tem como intuito de inviabilizar o processo de ovulação feminina, assim impossibilitando o processo de gestação, sendo utilizado em diversos tratamentos dos distúrbios do aparelho reprodutivo feminino. Contudo, o fármaco em questão apresenta uma alta carga hormonal em sua composição farmacológica, o que pode levar à ocorrência de diversos efeitos adversos, tais como: cefaleia, dismenorreia, aumento fluxo menstrual, diminuição da libido, e, por fim, podendo acarretar riscos, devido ao seu uso prolongado, tais como a trombose venosa profunda e o acidente vascular cerebral. A trombose venosa profunda é um efeito adverso muito presente em pacientes que utilizam o anticoncepcional por via oral, devido às alterações na cascata de coagulação, intensificando o risco de promover a formação de um trombo. Diante do exposto, o trabalho propôs identificar o risco de trombose em mulheres em idade reprodutiva entre 18 e 40 anos de idade e que realizam o uso do fármaco anticoncepcional por tempo prolongado, correlacionando com o risco e a ocorrência de trombose venosa profunda. A pesquisa constituiu-se em um estudo epidemiológico observacional, transversal, retrospectivo, de caráter quantitativo e qualitativo, obtendo suas informações através da distribuição de questionários semiestruturados aplicados à população feminina com idade entre 18 e 40 anos. O estudo analisou 90 questionários, nos quais foram identificados que o uso primordial do fármaco tem o intuito de prevenir a gestação. O anticoncepcional mais utilizado entre as participantes foi o anticoncepcional de uso oral. As respondentes relataram existir a necessidade de um acompanhamento contínuo com a equipe de saúde durante a utilização do fármaco e ter conhecimento sobre os efeitos adversos ocasionado pelo fármaco. Neste estudo, a trombose venosa profunda não foi descrita como um efeito colateral vivenciado pelos participantes, entretanto, isso pode ter decorrido pelo fato de a pesquisa ter sido realizada com uma pequena parcela da população feminina brasileira. Mediante ao que foi pesquisado, o estudo se mostra relevante ao ressaltar a importância dessa classe de fármaco, pontuando os possíveis efeitos adversos e alertando a população feminina sobre as possíveis intercorrências do uso de forma contínua, sem a orientação de um profissional de saúde qualificado, incentivando, assim, o ensino a respeito dos contraceptivos e o uso de forma responsável, para evitar possíveis intercorrências à saúde da mulher.

Palavras-Chave: Anticoncepcional; Saúde da Mulher; Trombose.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3 MÉTODO.....	9
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)	16
REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

O avanço do estudo da fisiologia endócrina possibilitou que o fisiologista britânico Ernst Starling identificasse as substâncias produzidas pelas gônadas masculinas e femininas, criando, assim, o conceito “hormônios”. Nesse contexto, no século XX, foi criada a primeira pílula anticoncepcional, denominada Enovid-10, que teve um papel fundamental, pois possibilitou maior inserção da população feminina no mercado de trabalho, além de causar maior autonomia reprodutiva, mudanças nos cenários político e assim ocasionando iminente transição cultural (DIAS et al., 2018; FERREIRA, D’AVILA, SAFATLE, 2019).

Os anticoncepcionais orais são fármacos que possuem hormônios sintéticos parecidos com os produzidos pelo ovário. Esses medicamentos podem ser encontrados em formulações simples, isoladas (na qual possuem apenas um progestogênio) ou combinadas (que têm um estrogênio e um progestágeno). Além disso, esses fármacos podem ser administrados por diversas vias, a saber: oral, implantes subdérmicos, intramuscular, transdérmica, associado a um sistema intrauterino e vaginal (SANTOS et al., 2021).

Entretanto, esses fármacos além de proporcionar um planejamento reprodutivo e evitar uma gravidez indesejada, podem acarretar benefícios às usuárias, como, por exemplo, a redução de sintomas menstruais, tais como cólicas, diminuição do fluxo intenso, dismenorrea e endometriose. Além disso, pode prevenir gravidez ectópica, síndrome do ovário policístico e câncer de ovário (OLIVEIRA, 2021).

Apesar dos benefícios gerados pelo anticoncepcional, muitas vezes, observa-se o aumento da ocorrência de efeitos adversos, que gerou um abandono do uso do fármaco pelas usuárias. Entre eles, destacam-se náuseas, vômitos, cefaleia, sangramento irregular, diminuição da libido, mastalgia, manchas cutâneas, edema e aumento do fluxo menstrual. Além disso, podem apresentar vários fatores de risco, de acordo com o tempo de uso, como risco de tromboembolismo, hipertensão arterial, acidente vascular cerebral, depressão e infarto do miocárdio (NIENKOTTER; SANTIAGO, 2018).

Dentre todos os possíveis efeitos adversos observáveis, decorrentes do uso dessa classe de fármaco, o mais destacável é o risco elevado de trombose venosa, referente ao uso de contraceptivos orais, que pode elevar a coagulação sanguínea, devido ao componente estrogênico. Dependendo da dose, pode aumentar os fatores de coagulação e reduzir a

quantidade de antitrombina III, da proteína S e da atividade da proteína C (fatores anticoagulantes) (DUARTE, 2017).

De acordo com um estudo realizado por Lima e colaboradores (2019), foi estimado que, no Brasil, cerca de 27% das mulheres em período fértil fazem o uso de anticoncepcionais. Diante disso, as complicações mais frequentes ocorrem em um terço da metade das pacientes usuárias do fármaco, acentuando a ocorrência de trombose venosa profunda, como o efeito mais grave oriundo do fármaco contraceptivo.

O estrogênio é um dos componentes do anticoncepcional que tem maior risco de desenvolver um evento tromboembólico, devido a promoção do aumento de agregação plaquetária nos vasos, aumenta o tromboxano A2 (vasoconstritor) e promove a diminuição do vasodilatador prostaciclina circulante. Em relação aos progestágenos, ele promove o aumento de atividade fibrinolítica, o calibre do vaso, eleva a quantidade de prostaciclina e diminui a velocidade do fluxo sanguíneo, fatores que favorecem a ocorrência de trombose venosa profunda (SOUSA; ÁLVARES, 2018).

A pesquisa ora apresentada teve como objetivo analisar o uso de fármacos anticoncepcionais, avaliando risco e benefícios, com enfoque em mulheres em idade reprodutiva entre 18 e 40 anos de idade, tendo como principal propósito verificar a incidência de trombose nas usuárias do fármaco que realizaram o uso de forma contínua, ou seja, durante um longo período, assim como destacar seus principais efeitos adversos. O presente estudo ganha notoriedade ao abordar a Saúde da Mulher e incentivar o planejamento familiar, estimulando criação de novas pesquisas e proporcionando o uso do anticoncepcional de forma consciente e planejada.

OBJETIVOS

A pesquisa em questão teve como objetivo relacionar o tempo de uso de anticoncepcionais com risco de trombose, em mulheres na idade reprodutiva. Assim, verificar fatores que podem influenciar na percepção sobre o uso abusivo de anticoncepcionais, tais como renda, escolaridade, idade e quantidade de informação sobre esta classe de fármaco. Deste modo, correlacionar o uso de anticoncepcional com o risco e com a ocorrência de trombose e outros dos principais efeitos adversos decorrentes do uso desses fármacos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso do fármaco anticoncepcional cresce a cada dia nos países em desenvolvimento, devido à facilidade do controle de natalidade e ao início do planejamento familiar realizado nestes territórios. Pesquisas anuais referentes a La Sociedad Española de Contracepción (SEC) trazem números referentes ao consumo do anticoncepcional oral, onde 17% das mulheres espanholas fizeram uso do método no ano de 2014. Entretanto, no ano de 2012, 22% declararam que fizeram o uso do mesmo (CÓRCOLES, 2019).

Na época atual, o uso de anticoncepcionais orais vem sendo usado de forma contínua por mais de 100 milhões de mulheres. Em vista disso, é importante ressaltar os principais efeitos adversos que o método pode ocasionar no organismo. Entre as reações mais graves, observa-se o risco da ocorrência de trombose aumentada em 2 a 6 vezes devido a utilização do medicamento, ocasionado pela ação do estrogênio e da progesterona nos vasos sanguíneos (SOUSA; ÁLVARES, 2018).

Os anticoncepcionais são uma das classes de fármacos mais utilizadas em todo o mundo, e, com o avançar da ciência e da Farmacologia a cada ano, surgem fármacos mais seguros e completos, compostos, em sua grande maioria, por progestinas, trazendo mais benefícios às usuárias, como por exemplo, regulação do ciclo menstrual, tratamento de dismenorrea e hipermenorrea. Todavia, o uso do fármaco deve ser realizado de forma consciente, evitando o uso contínuo durante grandes períodos e sem pausa. O uso excessivo do fármaco leva a alterações hormonais, como o possível desenvolvimento de trombose venosa (TERÁN et al., 2021)

De acordo com um estudo realizado por Silva, Sá e Toledo (2019), o início do uso de anticoncepcionais ocorre entre jovens de 15 anos, com o objetivo de prevenir uma gravidez e o tratamento de ovário policístico. Assim, observou-se que a idade mais atingida pelos casos de trombose, ocasionada pelo uso contínuo do fármaco, na família foi entre 18 e 25 anos, tendo sido observado neste estudo um total de 16% dos respondentes que relataram terem tido um evento tromboembólico.

Relacionando com o estudo de Morais, Santos e Carvalho (2019), é descrito que os anticoncepcionais hormonais combinados promovem alterações nas diversas vias metabólicas, exaltando as alterações hemostáticas e fatores de coagulação. Isso se deve ao fato de que esses fármacos proporcionam o aumento de fatores da cascata de coagulação

(fator VII, fator VIII, fator IX, fator X, fator XII e fator XIII) e inibem fatores anticoagulantes naturais, como a proteína S e a proteína C reativa. Deste modo, propiciam o aumento da parede vascular e viscosidade do sangue, elevando a produção de fibrinogênio e trombina.

O uso contínuo de anticoncepcionais durante um longo período pode levar a diversas manifestações de enfermidades, sendo a mais preocupante o aparecimento de trombos. Os trombos podem aparecer em qualquer momento da vida de um ser humano, porém, o uso de alguns medicamentos, como os anticoncepcionais orais, favorece o surgimento deste, devido aos distúrbios na coagulação que o fármaco promove. Deste modo, este método deve ser utilizado apenas com o acompanhamento da equipe de saúde (JUSTE, 2020).

Com relação a um artigo desenvolvido por Santos e colaboradores (2021), o início do uso de anticoncepcionais se iniciou devido a patologias, como cistos uterinos, cistos ovarianos, endometriose, sangramento uterino disfuncional. Em consideração a isso, 84,2% iniciaram devido a orientações médicas, entretanto, 75,5% iniciaram com o intuito de prevenir gravidez, 21,6% para redução de acnes e, para o controle do ciclo menstrual, apenas 52,5%.

Os anticoncepcionais orais podem ser divididos em gerações, de acordo com a dose de estrogênio. Em vista disso, um estudo realizado por Sugiura e colaboradores (2018) evidenciou que a quarta geração, com 176 casos, foi a mais endêmica em relação à ocorrência de trombose, seguido pela primeira geração com 125 casos, seguindo a segunda geração 110 casos e, por fim, a terceira geração, com apenas 99 casos.

Atualmente, estudos relatam que o uso de anticoncepcionais vem favorecendo o aparecimento de trombose venosa profunda em pacientes internados com Covid-19. O vírus que ganhou grande notoriedade no final ano de 2019 traz consigo distúrbios na coagulação sanguínea, podendo se mostrar de forma exacerbada em pacientes que já realizam o tratamento prévio com anticoncepcionais. Levando em conta que o anticoncepcional hormonal possui em sua composição química elementos que afetam a cascata de coagulação, assim facilitando o aparecimento da trombose (ESPANHA, 2020).

3 MÉTODO

A presente pesquisa se configurou como um estudo epidemiológico, observacional, transversal, retrospectivo, de caráter quantitativo e qualitativo, visando avaliar mulheres

entre 18 e 40 idade em relação ao risco de trombose decorrente do uso de anticoncepcionais. O grupo estudado foi de mulheres acadêmicas de uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada na região do Distrito Federal, observando, registrando, analisando e correlacionando fatos ou fenômenos variáveis sem manipulá-los. Com este projeto de pesquisa, buscou-se descobrir a frequência com que a trombose ocorre, sua relação com o uso do fármaco anticoncepcional e sua conexão com outros efeitos adversos de sua natureza e suas características.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário semiestruturado e adaptado, que foi entregue às diferentes universitárias participantes do estudo após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecimento - TCLE, tendo sido, portanto, de livre escolha suas participações. O instrumento de coleta de dados foi composto por 22 itens (questões de múltipla escolha).

Foram aplicados 189 questionários entre os meses de julho a abril de 2021 para esta população feminina. Entre os questionários, 99 foram excluídos, por não atenderem aos critérios de inclusão, ou seja, mulheres que não estavam fazendo o uso de anticoncepcionais. Deste modo, apenas 90 questionários foram selecionados para o estudo, cumprindo os critérios de inclusão: terem entre 18 e 40 anos completos, fazerem uso de fármaco anticoncepcional, utilizaram o fármaco em um período de 6 meses de forma ininterrupta, estarem devidamente matriculadas na IES estudada e concordarem em participar da pesquisa e assinar o TCLE.

As participantes foram rastreadas e convidadas a participar do estudo, por meio de busca ativa nos *campi* da IES estudada. As participantes também foram recrutadas por meio de redes sociais e de grupos de WhatsApp (por exemplo), em virtude do isolamento social preconizado pelo Ministério da Saúde, diante do estado de pandemia consequente da Covid-19. Como já mencionado, o instrumento de coleta de dados foi composto por 22 itens (questões de múltipla escolha), nos quais a contagem de pontos marcados possibilitou aos pesquisadores deste estudo obterem valores, que foram somados e distribuídos em forma de porcentagem. As porcentagens no decorrer do estudo foram representadas no modelo de gráfico, com o propósito de facilitar a compreensão do leitor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicados 189 questionários, entre os meses de julho e abril de 2021, para a população feminina delimitada e recrutada neste estudo. Entre os questionários, 99 foram excluídos por não corresponderem aos critérios de inclusão propostos neste estudo. Deste modo, apenas 90 questionários foram selecionados para o estudo. Diante disso, foram selecionadas algumas questões para serem expostas em formato de gráficos, com base nos dados coletados, e as outras foram apresentadas em forma de discussão, em texto “corrido”.

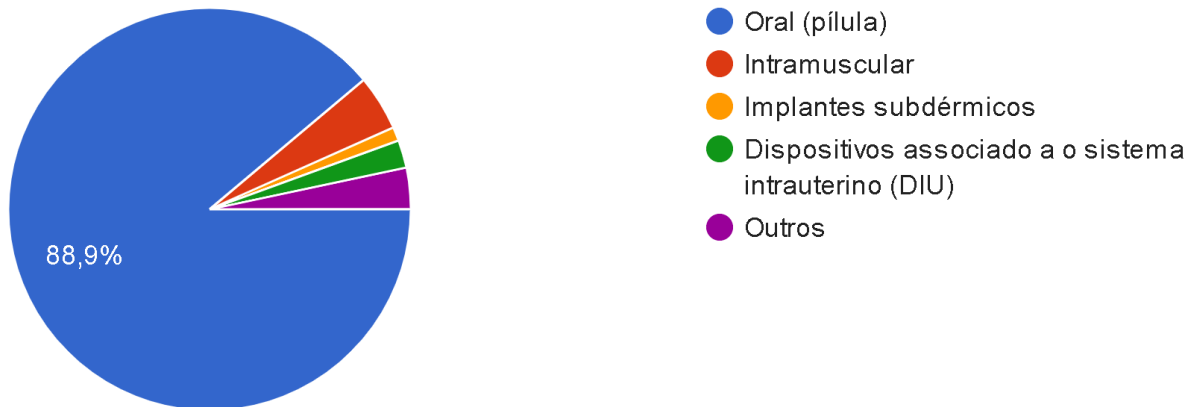
A pesquisa realizada constatou que 55,6% das mulheres entrevistadas tinham a faixa etária entre 21 e 25 anos, 36,7% das participantes estavam entre 18 e 20 anos de idade, 4,4% dessas participantes tinham entre 26 e 30 anos e, finalmente, 3,3% informaram ter idade de 31 a 35 anos. Todas eram do sexo feminino “natural / “fisiológico”, as quais 98,9% relataram possuir algum conhecimento sobre o fármaco anticoncepcional.

Entre as respondentes, 74,4% referiram que a idade ideal para se iniciar o uso do anticoncepcional oral seria abaixo dos 18 anos de idade. Entretanto, 25,6% responderam que o início do uso deveria ser entre 18 e 25 anos. Em vista disso, um estudo realizado em 2018 evidenciou que a média de idade da primeira relação sexual foi de 15,1 anos.

Entretanto, 33,9% das entrevistadas informaram que tiveram relações sexuais em idade inferior a 15 anos de idade. Diante do exposto, pode-se verificar que o uso de anticoncepcionais vem sendo buscado cada vez mais precocemente, ou seja, antes dos 18 anos de idade, podendo levar ao seu uso de forma precoce e por tempo mais prolongado (OLSEN et al., 2018).

Nesse contexto, a figura 1 mostra os tipos de métodos contraceptivos mais utilizados entre as respondentes. Em vista disso, 88,9% das usuárias informaram que utilizaram, ou utilizavam, fármacos orais (pílula anticoncepcional). Todavia, 4,4% alegaram utilizar o fármaco por via intramuscular. As que informaram utilizar dispositivo associado ao sistema intrauterino (DIU) foram 2,2%. Em relação aos implantes subdérmicos, apenas 1,1% faziam o uso. Por fim, 3,3% responderam utilizar outros tipos de métodos contraceptivos não descritos anteriormente.

Figura 1. Tipo de anticoncepcional mais utilizado.



Fonte: Próprios autores.

De acordo com um estudo realizado por Prado e Santos (2011), no setor público, foi evidenciado que 41% das respondentes optaram por fazer o uso de métodos hormonais. Assim, 25,5% definiram que faziam o uso da pílula anticoncepcional. No entanto, 15,5% alegaram a utilização de injeção mensal. Desta forma, é possível observar que, em ambos os estudos, o método com maior aceitação é anticoncepcional oral, provavelmente, devido à facilidade do seu uso e acesso (PRADO; SANTOS, 2011).

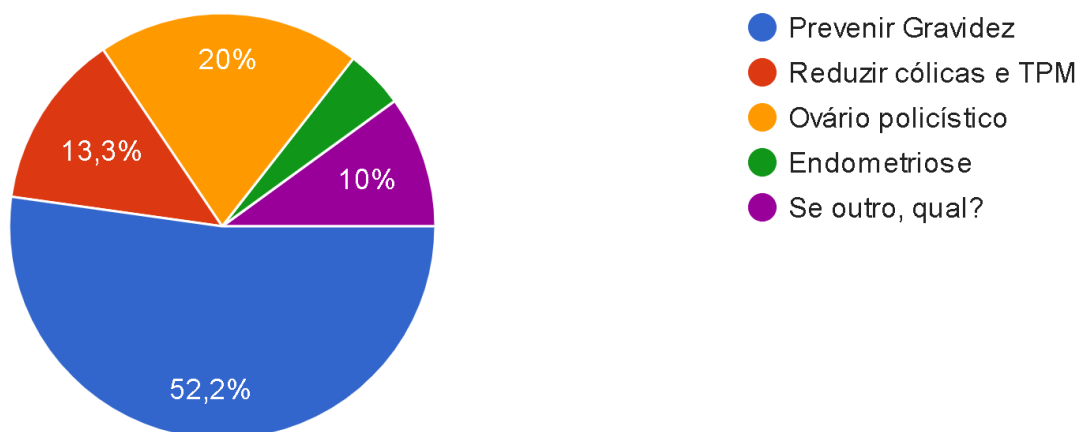
Foi questionado a respeito do esclarecimento por parte da equipe de enfermagem em relação ao uso da pílula anticoncepcional. Neste quesito, verificou-se que 32,2% avaliaram como bom. Apesar disso, 33,2% estimaram como moderada a qualidade de informação prestada pela equipe, 20% avaliaram como excelente e 8,9% concluíram que a informação prestada foi ruim. Ainda sobre este aspecto, 6,7% constataram como péssima a qualidade da informação.

Por meio dos dados coletados, pôde-se observar que 84,4% das respondentes avaliaram as informações com esclarecedoras. Todavia, o quantitativo de pessoas que obtiveram informações com baixa qualidade foi significativo, o que torna preocupante a questão da disseminação da informação. Sobre essa temática, a Portaria n.º 1.328, de 8 de setembro de 2015, do Ministério da Saúde, versa sobre o dever dos profissionais da saúde,

médicos e enfermeiros, em oferecer e orientar de forma compreensiva a respeito das informações de uso dos métodos contraceptivos (BRASIL, 2015).

De acordo com o questionário aplicado, o motivo pelo qual utilizavam o fármaco (dados apresentados na figura 2), 52,2% faziam a utilização do fármaco apenas como meio de prevenção da gravidez. Outras 20% utilizavam o fármaco como forma de tratamento de ovário policístico. Apesar disso, 13,3% alegaram utilizar para prevenir os sintomas relacionados com o período menstrual (cólicas e TPM). Como forma de tratamento primário para endometriose, 4,4% sinalizaram utilizá-los e apenas 10% declararam que faziam o uso do fármaco para outras finalidades.

Figura 2. Os principais motivos para o uso do anticoncepcional.

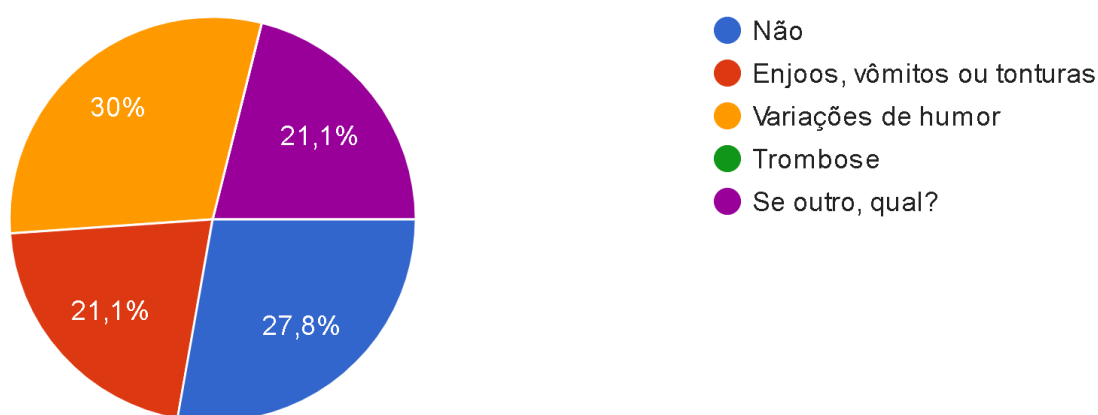


Fonte: Próprios autores.

O fármaco anticoncepcional pode promover uma função contraceptiva, ou seja, previne uma gravidez indesejada, assim, sendo uma das principais causas da busca deste método. Além disso, acarretam outros benefícios, como o controle dos sintomas pré-menstruais, o controle da dismenorreia e os cânceres de endométrio e de ovário, por exemplo. Logo, muitos jovens procuram para fins de tratamento de acne, promovido pelo progestógeno, que ocasiona o efeito antiandrogênico, no qual quanto maior a dose, mais efeito proporcionará (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Foi questionado às participantes sobre a observação e/ou a ocorrência de efeitos adversos oriundos do uso desses fármacos. Neste ponto, 27,8% responderam não ter sofrido (ou não ter percebido) nenhum efeito adverso após a utilização do medicamento. Em contraponto a este valor, 30,0% informaram que apresentaram variações de humor durante o uso. Ainda, 21,1% das mulheres relataram ter tido enjoos, vômitos e tonturas e outras 21,1% marcaram ter sentido outros tipos de sintomas (figura 3). Neste estudo, não houve apresentação de mulheres com efeitos adversos de uma possível trombose, possivelmente, decorrente da evidência da coleta de dados de apenas uma pequena parcela da população feminina brasileira (“n” muito pequeno para correlacionar).

Figura 3. Efeitos adversos do anticoncepcional.



Fonte: Próprios autores.

Neste trabalho, 16,7% das respondentes relataram não saber sobre os efeitos adversos ocasionados pelos fármacos. No entanto, 83,3% relataram ter conhecimento dos principais efeitos adversos que podem ocorrer. O Sistema Único de Saúde (SUS) tem desenvolvido ações na atenção à mulher e relacionadas ao planejamento familiar, preconizando orientações a respeito dos tipos de métodos contraceptivos, seus benefícios e seus efeitos adversos, desta forma, empoderando a usuária através da educação à saúde (BRASIL, 1996, 2002).

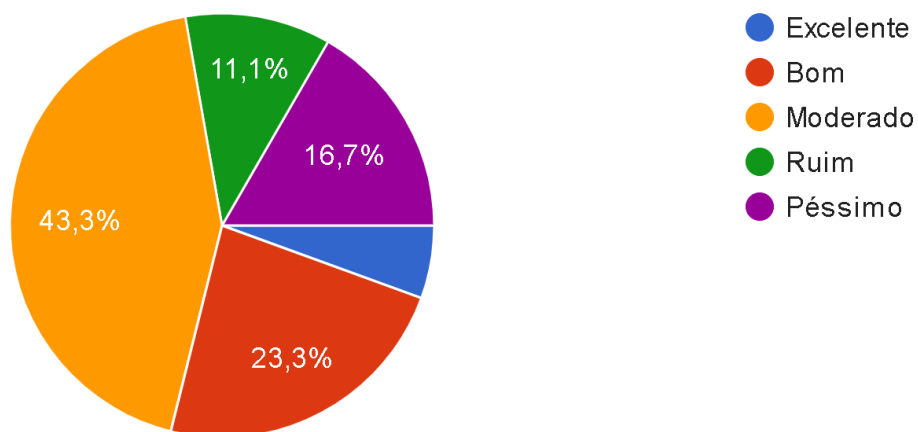
Dentre as mulheres que responderam ao questionário, 100% apontaram que é importante ter um acompanhamento pela equipe de saúde. Sendo assim, 87,8% retrataram que devem ser acompanhadas durante todo o uso do medicamento. Em contrapartida, 7,8% marcaram que devem ser acompanhadas apenas nos 6 primeiros meses de uso. Entretanto,

2,2% alegaram ser importante apenas por 3 meses e, por fim, 2,2% disseram ser necessária apenas uma consulta.

O tempo de adaptação do corpo humano a novos fármacos fica em torno de 6 meses ou menos, a depender do fabricante do fármaco e da individualidade biológica. Neste período, é muito importante que a paciente seja acompanhada durante todo o mês de adaptação, para analisar a resposta orgânica do corpo da mulher em relação ao fármaco. Deste modo, é primordial que a paciente realize um bom acompanhamento durante esse período e todo o período de uso para o acompanhamento de possíveis efeitos adversos, adaptação orgânica e evolução do tratamento (OPAS, 2021).

A figura 4, a seguir, mostra os dados referentes à identificação da qualidade das informações que são passadas para a usuária. Com isso, 43,3% relataram ter tido informações moderadas sobre o fármaco, 23,3% marcaram como boas as informações que lhe foram passadas e 16,7% concluíram que tiveram informações péssimas. Outras 11,1% relataram que tiveram uma qualidade ruim das informações prestadas e apenas 5,6% consideraram excelente.

Figura 4. A qualidade das informações a respeito da pílula.



Fonte: Próprios autores.

Em relação à forma de busca de informações sobre os métodos, um estudo demonstrou que, das 88 respostas obtidas, 29,55% afirmaram ter tido conhecimento através

da internet. Contudo, 26,14% obtiveram tais conhecimentos por meio de informações passadas pelos seus familiares. Dos entrevistados, 18,18% obtiveram através da escola e, por fim, 17,05% por meio da televisão. Apenas 9,09% relataram que obtiveram informações sobre os métodos contraceptivos de outras formas. Com isso, destaca-se a importância de que as informações obtidas pelo paciente venham através de profissionais capacitados, para que não sejam disseminadas informações incorretas (DIAS et al., 2017).

Analisando-se as respostas, verificou-se que 70,0% das participantes deste estudo tinham conhecimento sobre a ação das substâncias do fármaco no organismo. Em contrapartida, 30,0% informaram que não tinham conhecimento em relação a esta temática. Todavia, 61,1% das pesquisadas relataram ter conhecimento sobre as substâncias presentes no fármaco, em comparação com outras 38,9%, que utilizavam o método sem saber sobre seu composto químico.

O uso contínuo do fármaco pode acarretar riscos à saúde devido às altas alterações hormonais proporcionada pelo anticoncepcional, podendo alterar várias vias metabólicas do corpo, como exemplo, a cascata de coagulação, que está inteiramente ligada com a possível aparição de um trombo, devido às modificações hemodinâmicas (FERREIRA; D'AVILA; SAFATLE, 2019). Diante disto, 85,6% das usuárias relataram que o fármaco apresenta risco à saúde das mulheres, caso seja utilizado de forma contínua, enquanto 14,4% acreditam que o fármaco não proporciona risco.

Dentre as discentes que responderam ao questionário, observou-se que 13,3% não sabiam que os anticoncepcionais poderiam ser utilizados no tratamento de diversas doenças. Por outro lado, 86,7% possuíam o conhecimento do fármaco como uma forma de tratamento. Diante deste cenário, destaca-se que esses fármacos proporcionam alguns benefícios, pois promove a regulação do ciclo menstrual, ocasionando a redução do fluxo menstrual e a melhoria de sintomas pré-menstruais, além de tratar cistos ovarianos, endometriose e acne (OLIVEIRA, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou o uso de anticoncepcionais, que vêm sendo utilizados pela população feminina como uma prática contraceptiva, “padrão ouro”, correlacionando com suas indicações clínicas e com os possíveis efeitos adversos que podem decorrer desta

prática. O Ministério da Saúde, por meio do SUS, preconiza o uso desta classe de fármacos como meio de proporcionar o planejamento familiar de forma consciente e planejada, em toda extensão do território brasileiro. Sendo assim, o principal objetivo do uso desse método entres as entrevistadas neste estudo foi como forma de prevenção de uma gravidez indesejada.

É relevante evidenciar que o uso desses fármacos, quando realizado de forma adequada, conforme as orientações da equipe de saúde, traz grandes benefícios à saúde da mulher, como demonstrado na figura 4, proporcionando a regulação do ciclo menstrual, o controle da dismenorreia e o tratamento de acne. Todavia, quando utilizado de forma inadequada e por tempo prolongado, pode trazer consequências graves, como o risco de desenvolver trombose venosa profunda entres outros agravos.

Os fármacos em questão podem apresentar vários efeitos adversos, tais como enjoo, tontura, variação de humor e trombose. Entretanto, no presente estudo, a trombose não foi um efeito adverso encontrado nas respondentes, possivelmente, pelo fato de este estudo ter sido realizado em uma baixa parcela da população (ou seja, quantitativo de participantes pouco significativo, do ponto de vista estatístico).

O estudo confirmou ainda que grande parte das mulheres têm conhecimento que os anticoncepcionais orais podem apresentar risco à saúde da mulher, devido à ingestão de hormônios sintéticos, que podem alterar várias metabólicas do organismo. Destas respondentes, foi possível inferir que dois terços têm conhecimento dos diversos usos que o fármaco predispõe.

Diante do que fora posto, é possível compreender a necessidade da criação de manuais e portarias que ensinem a utilização correta do fármaco contraceptivo, incentivando o acompanhamento da equipe de saúde, favorecendo a educação em saúde por parte desses. Logo, observa-se que a idade elevada e o uso prolongado do fármaco podem acarretar grandes efeitos adversos, sendo muitos deles praticamente irreversíveis. Deste modo, é necessário a criação de políticas públicas voltadas para a população feminina.

Além disso, destaca-se a importância de incentivar o ensino e palestras educativas a respeito dos diversos meios contraceptivos, proporcionando assim, a escolha do método junto a um profissional capacitado, para que melhor se adeque à realidade e ao organismo

destas mulheres. Deste modo, seu uso se torna menos prejudicial, garantindo, assim, o preceito constitucional da dignidade da pessoa humana e da liberdade de escolha individual.

REFERÊNCIAS

BRANDT, Gabriela; OLIVEIRA, Anna Paula; BURCI, Lígia Moura. Anticoncepcionais hormonais na atualidade: um novo paradigma para o planejamento familiar. **Revista Gestão & Saúde**, V. 18, n. 1, p. 54-62. 2018. Disponível em: <http://www.herrero.com.br/files/revista/fileffb43b6252282b433e193bacf91d43f7.pdf> Acessado em: 20 de maio de 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996**. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9263.htm Acesso em: 16 de abril de 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico/Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher – 4a edição – Brasília: Ministério da Saúde, 2002**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0102assistencia1.pdf> . Acessado em: 15 de maio de 2021.

_____. _____. Gabinete do Ministro. PORTARIA Nº 1.328, DE 8 DE SETEMBRO DE 2015, Brasília, 2015. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt1328_08_09_2015.html . Acessado em: 01 de junho de 2021.

CÓRCOLES, Laura Torralba. **Lo que nadie cuenta de la anticoncepción hormonal combinada**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Jornalismo) - Facultad de Ciencias Sociales y Jurídicas de Elche - Universidad Miguel Hernández de Elche, 2019). Disponível em: http://193.147.134.18/bitstream/11000/7935/1/PER_TFG_TORRALBA_%20C%C3%93RCOLE_S_LAURA.pdf Acesso: 14 julho 2021.

DIAS, Ernandes Gonçalves; JORGE, Sandra Antunes Jorge; ALVES, Bruno Vinícius Cantuária, ALVES, Janine Cinara Silveira Alves. Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública Sobre sexualidade e métodos contraceptivos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 41, n1, a 2408, p. 120-130. 2017. Disponível em: <https://www.rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2408/2183> Acesso em: 15 de maio de 2021.

DIAS, Tânia Maria; BONAN, Claudia; NAKANO, Andreza Rodrigues; MAKSUD, Ivia; TEXEIRA, Luiz Antônio. “Estará nas pílulas anticoncepcionais a solução?” Debate na mídia entre 1960-1970. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 26, n. 3, 2018. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300203. Acesso em: 15 de março de 2021.

DUARTE, ANA JAYNE VIEIRA. **Os anticoncepcionais orais como fatores de risco para a trombose venosa profunda**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biomedicina) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, UniCEUB, Brasília, 2017. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20141130_215705.pdf. Acesso em: 15 de março de 2021.

ESPAÑA. Ministerio de Ciencia e Innovación. Informe Del Grupo De Análisis Científico De Coronavirus Del Isciii (Gacc-Isccii). Problemas de coagulación e trombo em pacientes COVID-19. 2020. Disponível em: https://repisalud.isciii.es/bitstream/handle/20.500.12105/10463/ProblemasDeCoagulacionY_2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 20 maio 2021.

FERREIRA, Laura Fernandes; D'AVILA, Adelaide Maria Ferreira Campos; SAFATLE, Giselle Cunha Barbosa. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. *Femina*. **Revista FEMINA**, v. 47, n. 7, p. 426-432, abril/maio. 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/12/1046533/femina-2019-477-426-432.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2021.

JUSTE, Miriam Soriano. **Programa de salud para la prevención del tromboembolismo pulmonar en mujeres consumidoras de anticonceptivos hormonales**. Health prevention program for women's pulmonary embolism caused by consume hormonal contraceptives. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduando de enfermagem) - Facultad de Ciencias de la Salud - Universidad Zaragoza, 2020. Disponível em: <https://zaguan.unizar.es/record/90073/files/TAZ-TFG-2020-477.pdf> Acesso: 6 julho 2021.

LIMA, Larissa Nobre; COTA, Luiz Henrique; COSTA, Marina Barbosa; FERREIRA, Mônica Caroline, ORSI, Paula Miranda; ESPÍNDOLA, Rodolfo Pereira; ESTEVES, Andreia Majella; VELOSO, Roberta Bessa. Conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca dos riscos dos anticoncepcionais hormonais. **Revista Acervo Saúde**, v. 36, e. 1335, p. 1-8, jul/ago. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1335/1124>. Acesso em: 15 de março de 2021.

MORAIS, Liévrê Xiol; SANTOS, Leticia Pereira; CARVALHO, Ilma Fábila Firmino Resende. Tromboembolismo venoso relacionado ao uso frequente de anticoncepcionais orais combinados. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 91-125, jan.-jul. 2019. Disponível em: <https://revista.fasem.edu.br/index.php/fasem/article/view/195> Acesso: 2 junho 2021.

NIENKOTTER, Fernanda Espezim; SANTIAGO, Camila Broering De Patta. **Perfil de contracepção e efeitos colaterais relacionados ao uso de métodos contraceptivos hormonais combinados entre estudantes de medicina**. *Revista Arquivos Catarinenses De Medicina*, p. 1-13. 2018. Disponível em:

<https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/6408/COMPLETO%20%28revisado%29%20pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 1 maio 2021.

OLSEN, JM; LAGO, TDG; KALCKMANN, S; ALVES, MCGP; ESCUDER, MML. Práticas contraceptivas de mulheres jovens: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, Brasil. São Paulo. **Rev. Cad. Saúde Pública**, N 34, e 2, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Xwfk8VDJcTryPkxNcbpvrn/?lang=pt> acessado em: 31 de maio de 2021.

OLIVEIRA, Laura Alves. **Os impactos sociais e de saúde do anticoncepcional hormonal oral na vida da mulher**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Farmácia) - Universidade Federal de São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/60191/TCC%20FINAL_Laura%20Alves%20de%20Oliveira.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso: 3 julho 2021.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). Brasil. **Uso Racional de Medicamentos**. 2021. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=354:uso-racional-de-medicamentos&Itemid=838 . Acesso em: 18 maio 2021.

PRADO, Daniela Siqueira; SANTOS, Danielle Loyola. Contracepção em usuárias dos setores público e privado de saúde. **Revista brasileira de ginecologia e obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, p. 143-149, July. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbgo/v33n7/a05v33n7.pdf> Acesso em: 12 maio 2021.

SANTOS, Beatriz Eliza Rocha; FARIA, Samara Gonçalves; GONÇALVES, Nara de Faria Lorenseti; RIBEIRO, Sarah Cristina Dias; ARAUJO, Thai; SANTIAGO, Natália Cavalcante; AGUIAR, Marco Aurélio Marins Aguiar. Efeitos colaterais e adversos do uso de anticoncepcionais em estudantes da universidade de Mogi das Cruzes. **Revista científica da umc**, v 6, n 1. 2021. Disponível em: <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1144/969#>. Acesso: 2 julho 2021.

SILVA, Celi Santos; SÁ, Rosiane; TOLEDO, Juliana. Métodos Contraceptivos e Prevalência de Mulheres Adultas e Jovens com risco de Trombose, no Campus Centro Universitário do Distrito Federal-UDF. **Revista Científica Sena Aires**, v 8, n 2, p. 190-197, Abr-Jun. 2019. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/403>. Acesso: 1 julho 2021.

SOUSA, Ismael Carlos de Araújo; ÁLVARES, Alice da Cunha Morales. A trombose venosa profunda como reação adversa do uso contínuo de anticoncepcionais orais. **Revista Científica Sena Aires**, v. 7, n. 1, p. 54-65, Jan-Jun. 2018. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/304/214>. Acesso: 1 julho 2021.

SUGIURA, Kazuko; OJIMA, Toshiyuki; URANO, Tetsumei; KOBAYASHI, Takao. The incidence and prognosis of thromboembolism Associated with oral contraceptives: Age-dependent Difference in Japanese population. **Revista Journal Obstetrics Gynaecology Research**, v. 44, n. 9: p. 1766-1772, September. 2018. Disponível em : <https://obgyn.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jog.13706> Acesso: 3 julho 2021.

TERÁN, Rubén Bucheli; FLORES, Enrique Noboa; MARTINEZ, Ricardo De La Roche; CASTANEDA, Julia Lucía Mena; VÁSQUEZ, Milton Barrera Vásquez. Anticoncepción hormonal y tromboembolismo. **Anticoncepción Hormonal**, Ecuador, e. 2, p. 573-578, 2021. Disponível em: <http://codeser.org/wp-content/uploads/2021/05/2021-Anticoncepcion%CC%81n-Hormonal-Segunda-Edicio%CC%81n-Bucheli-Noboa.pdf#page=613> Acesso: 8 julho 2021.